



Talvez este seja um desafio importante para as fases seguintes do projeto: como dar conta desses objetivos mais ligados à aquisição de conhecimentos — em ciências, em cálculo, em linguagem, em geografia, em história, em habilidades motoras, em arte — sem cair nos exemplos tristes das pré-escolas que adotam o chamado modelo "escolar"? Como contribuir para a formação de educadores com nível de instrução secundária, para que eles possam ajudar a suprir a insaciável curiosidade das crianças sobre tudo, desde seu próprio corpo até os detalhes mais inesperados do mundo que percebem à sua volta?

Com a palavra as crianças e educadores das creches/pré-escolas de Vila Carrão, Tatuapé, Itaim Paulista, Cidade Líder, Penha, Aricanduva, Cangaíba, Cidade Patriarca, Guarapiranga, Capela do Socorro, Ermelino Matarazzo, Vila Prudente, Catumbi, Jardim Eledy, Guaraú, Jardim Pedreira, Vila Mara, Três Corações e Jardim dos Álamos e daquelas que vão começar seu trabalho em São Miguel Paulista, Sapopemba, Jardim São Bento, Vila Guilhermina, Artur Alvim e Belém.

Maria Malta Campos

MULHER E EDUCAÇÃO

ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES E GUÁCIRA LOPES LOURO (ORGS.)

N.º especial de *Educação e Realidade*

Porto Alegre, FE/UFRGS, Vol. 15 (2), jul./dez. 1990

Mulher e Educação, número especial organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes e Guacira Lopes Louro para a revista *Educação e Realidade* é um acontecimento excepcional que merece ser comemorado. Excepcional por sua qualidade e porque escapa à regra de postergar o tema. Mereceria também ser melhor divulgado. Em recente encontro nacional de núcleos universitários de estudos e pesquisas sobre mulher e gênero, apesar do vivo interesse que a revista despertou, a grande maioria das pesquisadoras dos 19 núcleos presentes não tinha notícia prévia de sua existência. A comunicação, para não falar das articulações entre Educação e outros campos disciplinares, permanece precária, é de se lamentar. Dá força ao argumento que Fúlvia Rosemberg desenvolve em seu estado da arte da produção científica sobre mulher e educação no Brasil, demonstrando como, de um lado, os pesquisadores em educação têm manifestado uma surpreendente falta de interesse pelas questões do gênero e como, de outro ângulo, a área de educação tem sido sistematicamente ignorada pelos estudiosos da temática mulher.

O número especial de *Educação e Realidade* faz em grande estilo uma abertura para este diálogo. Foi elaborado sem medo da teoria e da interdisciplinaridade. História, Psicanálise, Sociologia, Ciência Política e, natural-

mente, Educação estão presentes. No entanto, a preocupação de suas organizadoras não se esgota em assegurar espaço para estudos de diferentes proveniências; a ênfase é posta na perspectiva interdisciplinar e no esforço de criar um espaço de interlocução em torno do eixo privilegiado da Educação.

Uma composição bem dosada enfrenta a questão do pequeno refinamento do referencial teórico que vem se configurando como a principal preocupação da área de estudos da mulher. Contribuições teóricas de envergadura abrem e fecham a revista. Na abertura, o já antológico artigo da historiadora norte-americana Joan Scott "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", torna-se finalmente acessível a um público mais amplo, depois de ter circulado intensamente entre iniciados. Neste artigo, Scott — que se inclui entre os criticados

em *Os últimos intelectuais* de Russell Jacoby, por ter se desviado de uma trajetória de intelectual público para se contentar com o papel de teórica feminista no mundo acadêmico — constrói seu conceito de gênero, que contempla relações de dominação e historicidade, através da análise crítica das três principais utilizações do termo.

R.W. Connell, menos conhecido no Brasil, talvez porque ensine Sociologia numa universidade australiana, trabalhando numa linha teórica inspirada pelo marxista E.P. Thompson, procura resgatar o termo "patriarcado" do desgaste que seu uso ideológico e especulativo tem acarretado.

O conceito de diferença é tematizado pela psicanalista Monica Belisário em "Estar no feminino: mal-estar?", proporcionando novas interrogações e funcionando como contraponto às indagações levantadas pelos demais autores. Um contraponto particularmente harmonioso com a investigação sobre as razões da ausência das mulheres da política, onde Silvana Coser, assimilando fala e poder, mostra como as mulheres têm sido relegadas ao silêncio ou a uma fala inaudível porque excessiva.

Cybele de Almeida chama a atenção, em "A caixa de Pandora...", para o fato de o marco inaugural do feminismo, a Convenção de Seneca Falls em Nova York, 1848, coincidir com a data do Manifesto Comunista. Adverte que se trata de duas tradições do pensamento social e propõe-se a inventariar as contradições que perpassam os mais importantes paradigmas teóricos do século XIX.

Uma inovadora discussão, sobre a feminização do ensino primário em Portugal na transição da República para o Estado Novo, é realizada por Helena Costa Araújo, professora da Universidade do Porto. Situando o caso português numa posição de semiperiferia dentro do contexto mundial e raciocinando em termos da intervenção do Estado na expansão da escolarização e da feminização do ensino, como recurso de redução de custos deste processo nas décadas de 20 e 30, a autora questiona os estudos que associaram estreitamente a presença massiva de mulheres no ensino e o salazarismo.

Um estudo de caso realizado com imigrantes italianas no Rio Grande do Sul levou Guacira Louro a conceber a educação de modo mais abrangente, na medida em que aparecia indissociavelmente imbricada ao trabalho cotidiano na roça e na casa. Os depoimentos sobre família, trabalho e educação, que colheu, revelam repre-



sentações que estabelecem uma hierarquia rígida entre os sexos, com total submissão das mulheres aos pais e maridos, apesar de uma participação igualitária no mundo do trabalho.

Eliane Marta Lopes fornece uma acurada revisão da produção dos historiadores franceses a respeito das relações sociais entre os sexos, vertente que floresceu na esteira da História do Quotidiano e das Mentalidades. Condensa os debates entre historiadoras feministas sobre a História das Mulheres, denominação que, aliás, tendem a recusar. Focaliza especialmente os estudos de História da Educação relacionados a questões de gênero, sinalizando alternativas de caminhos a seguir pelos

historiadores brasileiros que começam a deixar de pensar a educação como sendo neutra e assexuada.

As implicações da onipresença feminina para a educação básica de homens e mulheres estão longe de ser (re)conhecidas. Ao contrário do que alardeou, os documentos existem e as fontes podem ser decifradas, como demonstram as pesquisas sobre a educação de meninas que começam a ganhar ímpeto em diversas regiões do Brasil. É uma questão de trabalho, perspicácia e perseverança.

Albertina de Oliveira Costa